



# IMAGINAÇÃO COMO PRESENÇA

O CORPO E SEUS AFETOS NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

LIGIA GONÇALVES DINIZ

*Editora*  
UFPR

# **IMAGINAÇÃO COMO PRESENÇA**

O CORPO E SEUS AFETOS NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA



**Reitor**

Ricardo Marcelo Fonseca

**Vice-Reitora**

Graciela Inês Bolzón de Muniz

**Pró-Reitor de Extensão e Cultura**

Leandro Franklin Gorsdorf

**Diretor da Editora UFPR**

Rodrigo Tadeu Gonçalves

**Vice-Diretor da Editora UFPR**

Alexandre Nodari

**Conselho Editorial que aprovou este livro**

Allan Valenza da Silveira

Diomar Augusto de Quadros

Fabício Schwanz da Silva

Ida Chapaval Pimentel

José Carlos Cifuentes

Zélia Maria Marques Chueke

# IMAGINAÇÃO COMO PRESENÇA

O CORPO E SEUS AFETOS NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

LIGIA GONÇALVES DINIZ

*Editora*  
UFPR

© Ligia Gonçalves Diniz

## **IMAGINAÇÃO COMO PRESENÇA**

O CORPO E SEUS AFETOS NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

### **Coordenação editorial**

Rachel Cristina Pavim

### **Revisão**

Daniele Soares Carneiro e Luana Zacharias Karam

### **Revisão final**

da autora

### **Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica**

Rachel Cristina Pavim

### **Imagem da capa**

Detalhe da obra de Félix Vallotton, *Le vent*, óleo sobre tela, 1910.  
(National Gallery of Art)

Série Pesquisa, n. 375

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.  
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

D585i Diniz, Ligia Gonçalves

Imaginação como presença: o corpo e seus afetos na experiência  
literária / Ligia Gonçalves Diniz. – Curitiba: Ed. UFPR, 2020.  
305 p.; 20 cm. – (Série pesquisa, n. 375).

Inclui bibliografias.

ISBN 978-65-87448-01-5

1. Imaginação na literatura. 2. Mimese na literatura. 3. Filosofia  
na literatura. 4. Literatura - Estudo e ensino. I. Título. II. Série.

CDD: 801.95

CDU:82.01

---

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-65-87448-01-5

Ref. 991

**Direitos desta edição reservados à  
Editora UFPR**

Rua Ubaldino do Amaral, 321  
80060-195 – Curitiba – Paraná – Brasil  
www.editora.ufpr.br  
editora@ufpr.br

2020



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

*Para meus pais,  
para o Pedro &  
para o Caetano Veloso*

Não sairei da paisagem senão para momentos  
breves do intelecto          Nem saberei nunca  
onde esteve o limite.

*Fiama Hasse Pais Brandão*

and I do not apologize because as I say I was not to blame, I was unshielded  
in the face of existence  
and existence *depends on beauty*.

*Anne Carson*

τίοισιν ὀφθαλμοῖσιν;  
então com quais olhares?

*Safo (e Guilherme Gontijo Flores)*

---

# Sumário

## **Uma promessa para a crítica literária?**

**Por que e a quem este livro deve importar / 11**

*Hans Ulrich Gumbrecht*

## **Um rastilho queimando rumo à dinamite / 17**

### **1. Afetos/intuições / 29**

Representação: modos de usar / 33

Heidegger à procura de casa / 50

### **2. Consciência: *res extensa* / 71**

Consciência, autoconsciência, atenção / 74

Uma fenomenologia impossível / 94

A experiência viva (e o que escapa a ela) / 106

### **3. Para que haja casa, corpo / 119**

O mundo demanda o corpo / 120

O corpo é uma alma / 140

Presença e seus efeitos / 147

### **4. Uma onda entre ondas: lembrar, imaginar, alucinar / 161**

Os *Phantasmata* de Aristóteles / 162

A imaginação na fenomenologia: Husserl, Sartre, Ricoeur / 177

Memória e imaginação na literatura / 188

*The Twilight Zone* / 194

### **5. No rastro de dimensão somática da representação / 211**

Costa Lima: uma energia para a mimesis / 212

Iser: jogo, performance e emergência / 234

**O mundo rola; se derramam os horizontes / 263**

**O tempo em suspenso (um convite) / 279**

O que sempre deve faltar / 284

Só uma estrela / 288

Quente e verdadeiro / 291

Parataxe / 293

Um mundo possível / 295

Onde Deus acaba e recomeça / 296

Um pássaro / 298

**Nota da autora / 302**

---

## Uma promessa para a crítica literária?

Por que e a quem este livro deve importar

Escrever sobre o primeiro livro de Ligia Gonçalves Diniz acaba se revelando uma tarefa estranhamente difícil. “Estranhamente difícil” (e não, simplesmente, “difícil”) porque este livro cumpre, por si só e em um grau surpreendente, todas aquelas funções que um acadêmico mais velho normalmente levaria em consideração na apresentação do trabalho de uma colega mais jovem. A tese central de Ligia, por exemplo, parece ser excepcionalmente complexa, mas não se faz necessário desdobrar suas diferentes dimensões e camadas, porque ela prossegue com uma transparência incomum (para não dizer singular), que associa a um belo toque de serenidade (“*Gelassenheit*”) em seu comportamento e existência. Nenhuma de suas reflexões, distinções ou hipóteses de trabalho mostra-se apressada ou congestionada. Ela dá a suas ideias o tempo que elas e os leitores exigem – e tem sempre consciência dos limites inerentes à linguagem conceitual. Se a palavra não tivesse uma conotação condescendente, eu falaria em sua “maturidade” intelectual.

Em segundo lugar, e ao ler, de fato, o livro de Ligia, não consegui encontrar oportunidades para um confronto produtivo entre nossas concepções e perspectivas, ou seja, perdi a importantíssima possibilidade de concordar em discordar, porque ela desenvolve de forma muito impressionante a filosofia da leitura literária com que venho sonhando há décadas, sem ter sido capaz de articulá-la eu mesmo. Por mais de um ano, durante

nossas conversas semanais no Pigott Hall, no *campus* de Stanford, Ligia se permitiu observar e monitorar o surgimento de uma trajetória cada vez mais bem definida de observações e intuições que agora se juntam naquilo que não hesito em apreciar como uma obra-prima precoce. E, finalmente, mesmo tais palavras de alto elogio devem parecer – estranhamente – tautológicas, já que, antes que o manuscrito de Ligia começasse a se tornar um livro, ela foi publicamente homenageada com o prêmio CAPES de melhor tese brasileira do ano de 2016 em sua área acadêmica.

O que, então, resta a mim dizer? Talvez que eu o leia como um livro oportuno – e não apenas por sua sincronia com a vanguarda dos debates atuais. *Imaginação como presença*, na verdade, os transcende e, assim, se transforma em uma promessa para aquilo que a crítica literária (e as humanidades em geral) poderia – e provavelmente deveria – tornar-se no futuro. Crucial aqui é a bem fundamentada premissa de que Ligia parte, isto é, a de evitar uma alternativa que tem dominado a teoria literária desde o terceiro quarto do século XIX. Refiro-me, é claro, ao contraste entre a longa tradição de identificar funções de “representação” como o único espectro conceitual capaz de descrever a relação entre textos literários e os mundos material ou social que habitamos e, do outro lado, a convicção – que já perdeu o caráter provocativo –, compartilhada por posições filosóficas tão diferentes entre si quanto a desconstrução, o construtivismo ou o pragmatismo (americano), de que os fenômenos “fora da linguagem” nunca se tornarão realmente acessíveis à experiência humana (“*il n’y a pas de hors-texte*”, como Jacques Derrida e Paul de Man não cessaram de afirmar).

O impulso por trás do movimento de Ligia em direção a uma terceira posição, que não precisa mais desperdiçar tempo e palavras nas rejeições demasiado triviais (e demasiado polêmicas) do “representacionismo” ou da atitude da chamada “virada linguística”, é o desejo compartilhado hoje por muitos pensadores (e não apenas pensadores profissionais) de voltar e encontrar um lugar nas realidades que nos cercam – um desejo, no entanto, plenamente consciente da impossibilidade da sua realização dentro da visão de mundo clássica da modernidade ocidental. Nessa cosmovisão, que serviu de matriz tanto para a ciência natural quanto (principalmente) para a hermenêutica crítica durante os séculos passados, nós nos concebemos como observadores externos de

um mundo “real” de objetos. No pensamento de Ligia, a decisiva (e não somente heideggeriana) noção de “estar no mundo”, em contraste, nos caracteriza como habitantes e, portanto, como parte do mundo. Diferentemente, pois, da ontologia cartesiana, que identifica exclusivamente a existência humana com o pensamento e a razão (“penso, logo existo”), “estar no mundo” reintegra o corpo humano à referência que temos de nós mesmos e, assim, apresenta o mundo e nossa relação com ele como “ao alcance da mão”, sempre determinados e moldados por diferentes situações, funções e objetivos do mundo interior.

É importante, porém, perceber que mesmo o “ao alcance da mão” desaponta nosso desejo de imediatez ao lidarmos com o mundo – porque, como mencionei, ele depende de diferentes situações, funções ou objetivos e, portanto, inevitavelmente leva a uma pluralidade filosoficamente familiar de “construções de mundo” compartilhadas. Esse é precisamente o ponto e o contexto a partir do qual Ligia aponta e descreve uma função provavelmente tanto elementar quanto duradoura para o que chamamos de “leitura literária”, uma função que nenhum outro pensador antes dela havia intuído e analisado em sua complexidade intrínseca.

E aqui os conceitos-título “imaginação” e “presença” tornam-se determinantes para ela. Pois, se podemos dizer, em primeiro lugar, que a comunicação via textos literários não acaba com a transmissão de “formas de conteúdo” de um escritor para um leitor, mas usa o impulso da imaginação (“substância de conteúdo”) e o articula, sempre e somente aproximadamente, através de conceitos, a fim de disparar necessariamente diferentes dimensões da “substância de conteúdo” na mente do leitor; e se, em segundo lugar, a “substância de conteúdo” sempre ativa “afetos” que incluem reações corporais, então torna-se plausível supor que reagimos às imagens provocadas por textos literários como se os objetos ou as pessoas a que eles se referem estivessem fisicamente presentes para nós de modo imediato. Ler um poema de Safo ou uma descrição da paisagem em *Grande Sertão*, como todos sabemos, está longe de ser uma experiência exclusivamente cerebral – e isso vale até mesmo do ponto de vista empírico.

Ligia destaca o momento exato em que isso acontece com uma noção particularmente interessante (e, até onde conheço, inovadora) de “intensidade”. Ao mesmo tempo, parece claro para ela que aqueles afe-

tos “misturados” (corporais e espirituais) e os efeitos da imaginação dos quais dependem estão fora do horizonte da introspecção fenomenológica (*i.e.* husserliana) e, muito provavelmente, também fora do alcance da linguagem em geral. De minha parte, gostaria de enfatizar que a modalidade na qual os efeitos de presença da imaginação convergem com nosso desejo de imediatez do mundo é inevitavelmente baseada em um “como se”. Sob o impacto das palavras de Safo evocando um belo corpo feminino, reagimos “como se” esse corpo estivesse fisicamente presente no espaço. Ainda assim, a “intensidade” produzida desse modo é, provavelmente, entre as possibilidades de nos relacionarmos com o mundo das coisas do modo que tanto desejamos, aquela que chega mais perto de ser existencialmente alcançável, ao menos por nós, intelectuais – sem que simplesmente coloquemos entre parênteses ou reprimamos um ceticismo filosófico que herdamos dos séculos passados do pensamento ocidental.

Não é preciso dizer que o resumo que fiz, acima, do principal argumento e descoberta de Ligia não faz justiça ao seu livro, tanto pela condensação e a conseqüente falta de complexidade, quanto por ter deliberadamente usado minhas próprias palavras com o objetivo de abrir uma perspectiva externa. Espero, contudo, que chame a atenção para a afinidade de Ligia com vários pensadores filosóficos de sua geração que recentemente revelaram dimensões da existência humana calcadas na noção de que somos parte do mundo dos objetos – e não seus observadores externos. Um desses autores, Markus Gabriel, da Universidade de Bonn, na Alemanha, anunciou um trabalho futuro sobre o conceito de “ficção”, que, embora não parta da sinonímia anglo-americana entre “ficção” e “literatura” (sobretudo narrativa), parece concordar com a reflexão de Ligia sobre a interseção entre “imaginação” e “presença”.

E por que acredito, em minha retrospectiva como emérito, que abordagens como a de Ligia ou, entre outras, a agenda de Markus Gabriel têm o *status* de promessa para os estudos literários e as humanidades em geral? Minha primeira resposta pode parecer surpreendentemente (e talvez agradavelmente) não acadêmica. Diferentemente da genealogia dos dois séculos da nossa profissão, Ligia não faz apenas uso produtivo da noção de “ao alcance da mão” – ela a incorpora em seu estilo existencial (como prova impressa, gosto particularmente de uma passagem em uma entrevista em que ela menciona, como um de seus momentos favoritos de

intensidade, a cena da Copa do Mundo de 2014 em que o grande atacante uruguaio Luis Suárez de fato mordeu o zagueiro italiano Chiellini). Estar no mundo provavelmente é a razão pela qual a nova filosofia de leitura literária de Ligia, apesar de toda a sua complexidade e sofisticação intrínsecas, pode acabar prestando um serviço muito maior aos futuros estudantes e leitores de literatura em geral do que todas as tentativas obsessivas de ser “político” da maneira mais teimosamente “crítica” (por que, para começo de conversa, alguém escolheria se tornar crítico literário se a “política” tivesse de ser considerada o mais alto nível de realização profissional?). Em outras palavras: a “política” do trabalho de Ligia encontra seu horizonte referencial e sua aplicação mais importantes no anseio, historicamente específico, de encontrar um “lugar no mundo”, um anseio ao qual, como ela mostrou, a leitura literária pode corresponder.

Com esse modo tão novo de estar no mundo, a crítica literária pode até mesmo voltar a ser importante para escritores e reacender uma conversa com eles – depois de décadas de silêncio mútuo (às vezes amigável e às vezes agressivo). Não por meio de uma “avaliação” de seu trabalho, e muito menos de “orientações normativas, éticas ou políticas”, mas graças a um interesse, tanto teórico quanto prático, no trabalho um do outro, que agora é imaginável novamente. Por todos esses motivos, Ligia Gonçalves Diniz tornou-se uma das poucas dentre meus jovens colegas que me fazem acreditar que, apesar dos erros e obsessões de minha própria geração, as humanidades e as artes acadêmicas podem ter um futuro. E, embora eu esteja plenamente consciente de que tais expectativas podem muitas vezes se transformar em um fardo, creio que Ligia tem traquejo suficiente para entendê-las como se pretendem: uma fonte de congratulação e de encorajamento.

Hans Ulrich Gumbrecht

2 de agosto de 2019, Green Library, Stanford University

*Tradução de Luísa Leite S. de Freitas*